

ARTE SOBRE FOTO DA INTERNET

# Uma universidade CIDADÃ



> **Pesquisa mostra que população reconhece papel do ensino público na formação consciente, valoriza inclusão e é contra cobrar mensalidades**

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufjrj.org.br

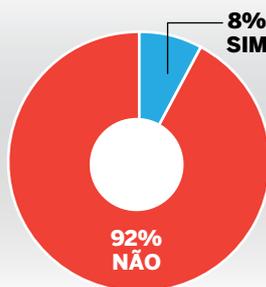
**A**s universidades públicas são melhores, formam cidadãos conscientes e estão menos elitistas graças às cotas. E quem pensa assim não são pessoas que estudam ou trabalham nessas universidades, mas a população em geral. É o que mostra pesquisa do Instituto Ideia Big Data com 2.168 brasileiros de todas as regiões do país, realizada entre abril e maio. Segundo o levantamento, 85% dos entrevistados avaliam que as instituições públicas formam melhor, e 88,9%, que servem ao desenvolvimento científico e social. Apenas 38,4% dizem que elas são restritas a ricos. Para 64,7%, o acesso foi ampliado com as cotas. O detalhe: só 8% declararam ter ou ter tido vínculo com alguma universidade pública.

“Muitos acreditam que só quem é diretamente beneficiado acha a universidade importante. Mas a pesquisa mostra reconhecimento coletivo do papel dela”, destaca o professor e pró-reitor de Planejamento, Orçamento e Finanças da Universidade Federal de Pernambuco, Thiago Galvão, que tem apresentado os dados nos encontros do MEC.

O secretário-executivo da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), Gustavo Balduino, disse que a pesquisa mostra a relevância da universidade e a necessidade de explicitar os vínculos com a sociedade. “Quando alguém é atendido num hospital ou passa numa estrada, usa serviços de um profissional formado na universidade pública”, afirma. O estudo

## PESQUISA

**VOCÊ TEM OU TEVE VÍNCULO COM ALGUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA?**



## A UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA

Contribui para a formação de cidadãos mais conscientes



Continua com o acesso restrito aos ricos



Ampliou o acesso com a política de cotas



Com a crise, o diploma não faz mais diferença



Ajuda no desenvolvimento científico e social



É motivo de orgulho para quem estuda



Concorde Discordo

## PERCEPÇÃO

O Governo Temer e as Universidades Públicas



Favorável Contrário Neutro / Indiferente

FONTE: IDEIA BIG DATA

não foi encomendado pela Andifes, mas a associação está divulgando o trabalho em seu site justamente porque ele traz a percepção da sociedade sobre a universidade pública.

Entre os entrevistados, 7% afirmam que as universidades públicas custam demais e não beneficiam a sociedade. Outros 20% concordam parcialmente com isso. E só 19,6% consideram muito altos os salários dos docentes. A rejeição à cobrança de mensalidades é clara: só 17,2% concordam com a proposta.

## QUALIDADE E JUSTIÇA SOCIAL

O levantamento aponta que 68,9% reconhecem nas cotas uma política de inclusão e só 30,2% acreditam que isso baixou a qualidade do ensino. Autor de vários estudos sobre inclusão no ensino superior, André Lázaro destaca a aprovação das cotas: “Para a sociedade, qualidade tem que vir com justiça social. Num momento de ataques e redução orçamentária nas federais, é muito positivo”, afirma Lázaro, pesquisador da Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), professor aposentado da Uerj e diretor da Fundação Santillana.

O otimismo com a inclusão é maior no Norte/Nordeste. No Sudeste, 56,7% afirmam que as públicas não são só para ricos; no Norte, 73,4%. No Sul e no Sudeste, 59,7% dizem que as cotas ampliaram o acesso, proporção que supera 70% no Norte e no Nordeste. Como ponto de reflexão, Lázaro destaca o fato de 61,8% dos entrevistados apontarem interesses corporativos muito fortes na universidade pública. (Colaborou Fernanda da Escóssia)

## Diploma

# Me chame pelo meu nome

## Estudantes trans da UFRJ terão direito de incluir identidade social no diploma

FERNANDA DA ESCÓSSIA  
fernanda@adufjrj.org.br

A partir deste semestre, estudantes trans da UFRJ terão direito de incluir o nome social em diplomas e documentos oficiais da universidade. A decisão foi aprovada este mês no Conselho de Ensino de Graduação e no Conselho Universitário. A UFRJ já garantia desde 2015 o uso do nome social em documentos internos, como listas de chamada e inscrição em disciplinas. Agora, a medida foi estendida aos documentos externos, como diplomas e históricos oficiais.

“É uma questão de identidade, um direito do aluno”, afirma o pró-reitor de Graduação, Eduardo Serra. O diploma terá em destaque o nome social indicado pelo aluno e, menor, o registrado civilmente em documentos como identidade e certidão de nascimento. Segundo Serra, é uma forma de assegurar que o diploma seja reconhecido em outras instâncias como sendo daquela pessoa. Em solenidades, será usado só o nome social. Em processos seletivos, o nome social e o número de inscrição.

Para Helena Maria de Souza, aluna trans de Medicina, a mudança é uma conquista, mas está aquém do necessário. “É bacana, mas vem com



**DIREITO AO NOME** Lucas Laurentino e Helena Souza, alunos trans da UFRJ, já poderão incluir o nome social no diploma de graduação

atraso. Seria melhor se usasse o nome social e o número da identidade. Acho um avanço, mas, na sociedade, o problema se mantém”, afirma Helena, que planeja alterar o nome também no registro civil. Na Medicina, a luta dos alunos diante de denúncias de preconceito motivou a criação da disciplina de Saúde LGBT, como mostrou o **Boletim da Adufrj** em abril deste ano. A direção da Faculdade de Medicina aguarda apenas o envio dos programas para incluir a disciplina na grade.

Éli Reis, diretor da pasta LGBT do DCE Mário Prata e aluno de Letras, disse que a conquista resulta da mobilização dos estudantes, embora não contemple todas as necessidades. “Manter o nome de registro no diploma abre espaço para

constrangimentos”, afirmou.

Lucas Laurentino, aluno trans de Engenharia Elétrica e presidente do Centro Acadêmico de Engenharia, acompanhou o debate como diretor suplente do DCE Mário Prata. Ao longo do curso, usou o nome social. Às vezes, havia erros, e ele pedia ao professor que fizesse a mudança. “No momento, a alternativa é essa, o nome social maior e o nome civil menor. Já é um avanço”, afirma Lucas, que quer o diploma com o nome social quando se formar ao fim do ano.

Alunos maiores de 18 anos podem cadastrar o nome social no SIGA, sem requerimento administrativo. Menores devem ir à Divisão de Registro Acadêmico, com autorização do responsável e firma reconhecida. Desde 2013, docentes e técnicos trans da UFRJ podem usar o nome social na identidade funcional, no contracheque e em atos administrativos. Universidades como USP e UFJF já usam o nome social nos diplomas.

Pessoas trans que quiserem mudar o nome de registro devem ir ao cartório. Em março deste ano, o STF garantiu o direito sem necessidade de cirurgia, autorização judicial ou avaliação médica. Mas nem todos os cartórios agem da mesma forma. A Defensoria Pública e grupos de defesa LGBT solicitaram que o procedimento seja regulamentado.

# Bem-vindo, mas não assim

## > Conselho de Representantes apoia ideia de Congresso Universitário para debater UFRJ, mas proposta da reitoria não agrada no formato atual

KELVIN MELO  
kelvin@adufjrj.org.br

A proposta da reitoria de realizar um Congresso Universitário é bem-vinda, mas o conteúdo e o formato do evento descritos em documento que circula nos colegiados superiores da UFRJ causam preocupação. Esta foi a avaliação da diretoria da Adufrj apresentada ao Conselho de Representantes da entidade no último dia 26, no Centro de Tecnologia.

A direção da Adufrj faz sugestões sobre princípios, temas e método de trabalho do Congresso. Observa, por exemplo, que a comissão organizadora do evento deve ser escolhida pelo Consuni. E cobra a divulgação do Plano de Desenvolvimento Institucional, tido pela administração central como documento de referência para os trabalhos do Congresso.

O texto da diretoria, que pode ser

encontrado no site da Adufrj, foi distribuído no Conselho de Representantes para ser levado às unidades. “Ainda que os procedimentos não estejam rigorosamente definidos, achamos que estas notas podem ser um ponto de partida para o debate”, disse a presidente da Adufrj, professora Maria Lúcia Werneck.

Maria Lúcia fez referência à reunião do Consuni do dia 21 em que o reitor Roberto Leher se comprometeu a reiniciar o processo de organização do congresso, chamando entidades representativas da comunidade para uma participação efetiva. Além de uma reunião ocorrida na véspera do Conselho, estão marcados encontros com a administração central nos dias 4 e 11 de julho.

O professor Frederico Tavares (Coppe) manifestou receio com o curto cronograma do Congresso disposto na proposta da reitoria, que se encerraria em outubro próximo: “Os prazos precisam ser suficientes para permitir a discussão

de assuntos de tal importância”, disse. Carlos Frederico Leão (Instituto de Economia) criticou o formato do Congresso e considerou que há um esvaziamento do papel político do Consuni.

### SINDICALIZAÇÃO

No Conselho, a diretoria apresentou uma das ideias para ampliar o número de sindicalizados da Adufrj: cobrar taxas menores de contribuição mensal dos professores que ingressaram na universidade a partir de janeiro de 2013. As alíquotas aumentariam gradualmente a cada dois anos, até o patamar atual. O objetivo é atrair aqueles que sofreram com mudanças na carreira e no regime previdenciário. A medida, que seria aplicada também aos já sindicalizados, está aberta a sugestões. Antes de entrar em vigor, a proposta será submetida a uma assembleia geral. “Esperamos conseguir entre 150 e 200 novos associados”, afirmou o diretor Felipe Rosa.

## NA MARÉ, ATO LEMBRA ALUNO MORTO E PEDE PAZ

Um semana depois da morte do estudante Marcos Vinícius da Silva, baleado durante uma operação policial na Maré, estudantes e professores das escolas da comunidade participaram na última quarta-feira, 27, de um ato pedindo paz e justiça. Os colegas de Marcos fizeram cartazes e uma faixa cobriu o Ciep Operário Vicente Mariano, onde ele estudava. Na quadra, houve rap, poesia e discursos em memória de Marcos, de outros alunos baleados e da vereadora Marielle Franco, assassinada em março. O ato terminou com um abraço ao Ciep. A mãe de Marcos, Bruna da Silva, cobrou ação concreta do Estado. “O luto será luta. Sou uma mãe da Maré, mais uma que perdeu seu filho”, afirmou.

Entre os participantes, estavam vários alunos da UFRJ moradores da comunidade, incluindo o grupo do Musicultura, um dos 25 projetos de extensão da universidade na Maré. Samuel Araújo, professor da Escola de Música e coordena-



**PELA PAZ** alunos da UFRJ que moram na Maré foram ao ato, assim como o professor Samuel Araújo (de amarelo)

nador do projeto, disse que a UFRJ tem um papel importante em mediar anseios por mais justiça e menos violência na comunidade. Muitos estudantes, porém, cobraram maior participação da univer-

sidade na comunidade e compreensão dos professores. “É difícil fazer trabalho no meio de 12 horas de tiroteio”, diz Wagner Rodrigues, do Instituto de Física. “A UFRJ é perto, mas ainda é muito longe.”

### 8 DE JULHO DIA NACIONAL DA CIÊNCIA

**Domingo com ciência na Quinta**



#### UM DOMINGO PELA CIÊNCIA

Organizações científicas participarão no dia 8 de julho do “Domingo com Ciência na Quinta”, celebrando o Dia Nacional da Ciência e os 70 anos da SBPC. O evento, uma feira de ciências na Quinta da Boa Vista, será aberto ao público. Nesse dia, a entrada no Museu Nacional será gratuita.



**QUINTA DA BOA VISTA (EM FRENTE AO MUSEU NACIONAL) 10H ÀS 14H - ENTRADA FRANCA**

APOIO: SBPC / AduFRJ / ASFOC / ASDUERJ / ANPESQ / ASCON / ANPG / UEZO / FIOCRUZ



# Há 50 anos, 100 mil nas ruas

> Professores da UFRJ lembram participação na Passeata dos 100 mil e analisam desdobramentos do ato

**GABRIEL NACIF PAES** (estagiário)  
gabriel@adufjrj.org.br

**M**arco na luta política brasileira, a Passeata dos 100 Mil completou 50 anos na terça-feira, 26 de junho. O protesto contra a ditadura militar reuniu, no Centro do Rio, lideranças políticas, sindicais e artistas, mas principalmente jovens que sonhavam mais liberdade e democracia para o Brasil.

Luiz Pinguelli Rosa, Diretor de Relações Institucionais da Coppe/UFRJ, estava lá ao lado de colegas da Faculdade Nacional de Filosofia e Ciências, onde

estudava Física. O professor, na época com 26 anos, lembra que o período foi marcado pela oposição ao regime. “Havia expectativa que a ditadura cedesse, por isso as pessoas se mobilizaram tanto. Também foi um protesto contra a tortura, os estudantes sofreram muito”. As ruas estavam tão cheias que as autoridades não conseguiram impedir o discurso de Vladimir Palmeira, liderança do movimento estudantil. “Existia o medo de que prendessem o Vladimir, mas eles não conseguiam atravessar a multidão”, conta. “Era tanta gente que a polícia recuou e não houve repressão.”

Maria Lúcia Werneck, presidente da Adufjrj, tinha 25 anos quando foi à Passeata dos 100 Mil. Dava aulas na rede estadual do Rio de Janeiro e era filiada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ela acredita que o evento foi um marco da luta contra o governo militar. “Foi

um movimento pacífico e reivindicativo em relação à democracia”, afirma. “Nos grandes centros urbanos, a população de classe média e operária estava aumentando a sua participação política.” No entanto, Maria Lúcia reconhece que o ato também teve consequências ruins: “O fato de aquilo não ter se desdobrado em negociações abrangentes e mais amplas foi negativo. Houve uma radicalização da esquerda e uma resposta radical da direita, que culminaram no AI-5.”

Pinguelli considera importante que mobilizações continuem acontecendo e cita a recente greve dos caminhoneiros. “Foi uma demonstração que a sociedade se organiza. Teve um impacto muito forte.” Maria Lúcia também acredita na importância de protestos no atual cenário político, mas acrescenta que, “paralelamente, é importante estimular a credibilidade das instituições”.

## NOTAS

### ÓPERA “A FLAUTA MÁGICA”

■ Entre os dias 21 e 24, a ópera “A Flauta Mágica”, de Mozart, foi apresentada na Escola de Música. Com professores e mais de cem alunos da Música e das Escolas de Belas Artes, Comunicação e Educação Física e Desportos, o espetáculo emocionou o público. Para a professora Desirée Bastos, orientadora de figurino, a criação foi trabalhosa: “A Flauta Mágica é uma ópera complexa, tem muita troca de roupa. Figurino não é só a roupa, mas sim tudo que está no corpo”, afirmou. A preparação corporal teve direção do professor André Meyer. “O sentimento é de muita realização, principalmente por ver os estudantes atuando”, disse.

### NOVO PRESIDENTE DO ANDES

■ Na abertura do 63º Conselho do Sindicato Nacional (Conad), o professor Antônio Gonçalves Filho, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, tomou posse como presidente do Andes. O Conad, instância que atualiza o plano de lutas do movimento docente, será realizado em Fortaleza (CE) até domingo (1º). Gonçalves Filho avaliou o processo eleitoral que o levou à presidência, o primeiro com duas chapas após 14 anos: “Foi uma disputa acirrada e que fortaleceu ainda mais nosso sindicato como um espaço de luta democrático”. A chapa de oposição, Renova Andes, marca presença no evento de Fortaleza.

### CASTRO É ELEITO NO CFCH

■ O professor Marcelo Macedo Corrêa e Castro, da Faculdade de Educação, foi eleito decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) para o quadriênio 2018-2022. O Conselho de Coordenação do CFCH homologou o resultado na segunda-feira (25). Corrêa e Castro obteve 26,55% dos votos (resultado ponderado entre os segmentos) contra 14,75% do professor Fernando Santoro, do IFCS. Brancos somaram 0,25% e nulos, 1,36%. O candidato eleito ganhou entre docentes (170 a 114, 6 nulos, nenhum branco), técnicos (171 a 75, 3 brancos, 12 nulos) e alunos (299 a 214, 4 brancos, nenhum nulo).